

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — *Typographia de Paula Brito* — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 30000 rs por tres mezes para a corte; e 40000 rs. para fóra, pagos sempre adiantados. Na avulso, 160 rs.

A MARMOTA.

O

Thermometro Parlamentar.

Um jornal belga, *L'Observateur*, annuncia debaixo deste titulo a invenção de um novo thermometro, do qual vamos dar uma ideia da sua construcção e para que fim se destina.

As sessões da Assembléa, diz *L'Observateur* nem sempre são publicadas fielmente nos diversos jornaes que os inseram; porquo em quanto este recebe a falla de muitos apoiados, aquell'outro semeia na mesma falla o não apoiados; se, para uns o orador mereceu ser ouvido com silencio profundo, para outros isto se altera em hilaridade prolongada, e assim sempre se

POLERTIM.

THERESA

ROMANCE FRANCEZ

(Imitação). (1)

(Conclusão.)

Notava-se que uma pergunta ficara suspensa nos labios de Theresa: duas vezes ella abriu a boca e olhou para Geraldo como se quizesse indagar; no entanto calou-se, e escondendo o rosto entre a espessura das arvores, poz-se de novo a chorar. Mas suas lagrimas desta vez não eram dadas á sua mãe.

Theresa e Geraldo sahiram do cemiterio pelo braço um do outro, sem fallar. Geraldo sentia bem que sua sorte ia decidir-se, mas um certo pudor o impedia de interrogar sua companheira; elle queria deixar entregue á sua dor essa pobre moça, que acabava de achar sua mãe, mas que a achava morta!

Quando chegou á casa, Theresa manifestou o desejo de estar só. Parecia que tinha necessidade de conversar consigo mesma, depois de longo silencio que havia guardado.

— Até amanhã, disse ella a Geraldo. E retirou-se com um pensativo, deixando-o com a Srta. de Lubner, a quem elle contou tudo quanto acabava de acontecer.

Geraldo passou toda noite a passear pela villa, impellido sempre por uma força invencivel para a casinha onde morava Theresa.

(1) Este romance, já impresso em bonito folheto, vende-se a 300 rs. na loja de Paula Brito.

dão taes contradicções, que o leitor imparcial não pode crer nos parenthesis e notis dos redactores.

Semelhanes occorrenças não poderão haver mais com a existencia do — *thermometro parlamentar* —, porquo este instrumento registra continuamente a *temperatura real* das sessões, e, para bem dizer, a opinião intima dos membros, e a resultante se apresenta logo á vista de todos os espectadores.

Este instrumento compõe-se de um tubo de vidro de polegada e meia de diametro interno, disposto por detraz da cadeira Presidencial e encostada a uma régua ou escala centigrada, que parte do assoalho e termina no tecto da sala. O tubo enche-se de um liquido colorado, como nos thermometros ordinarios.

Um outro tubo de cobre, partindo da cavella ou reservatorio inferior, se ra-

Uma lampada brilhava atravez da janella daquelle quarto verde, onde ella não quizera que Geraldo entrasse. Vin-se sua sombra passar por diante das cortinas brancas; uma vez seu rosto encostou-se na vidraça e ali ficou por muito tempo. Geraldo, favorecido pela escuridão da noite, contemplava-a apenas. Que fazia a essa hora nessa solidão? Pedia ella ahi conselho ás recordações que tinha?

No dia seguinte, Geraldo chegou á casa de Theresa á hora costumada. Achou-a no salão e toda de luto, com a Srta. de Lubner. Já não tinha nem vestido branco, nem fitas azues. A expressão de seu rosto estava mudada. Theresa estava como transfigurada! Geraldo não reconhecia seu sorriso, nem tão pouco seu olhar. O acollimento mesmo, que a moça lhe fez, foi tão differente, que elle não pôde contor-se com tal reserva, e apparente frieza. Excitado pela fadiga e pelos sonhos da noite precedente, pensou ver a condemnação de suas esperanças e estremeceu diante desta reserva da qual seu coração já resentia os effeitos.

— Eu venho de despedir-me de vós, disse elle, com voz tremula e suffocada...

— Partis? perguntou Theresa.

— Sim, parto, respondeu elle; não tenho mais nada que fazer. Deos é testemunha de que eu quizera aqui ficar sempre, mas não sou aquelle de quem vós prezais a memoria... Sou hoje um estranho para aquella, junto de quem passei tantas horas, as mais bellas da minha vida! Tenho medo que não me perdoeis, o ter eu por tanto tempo accitado um nome que não é o meu, e este pensamento me é odioso.

— Ah! se fosseis o mesmo, como vos conheci... mas é impossivel... seria dema-

nificá por debaixo dos estrados, em tantos pequenos tubos, quantos são os assentos ou cadeiras dos membros. Estes pequenos tubos são terminados por saquinhos de borrasca da forma de péras, que ficam debaixo dos pés de cada um membro.

Quando não ha discussão, todo o liquido se conserva confido nos saquinhos e nos tubos de ramificação; porem logo que algum membro falla, os que approvam ou querem animar o orador, comprimem mais ou menos o saquinho e o liquido apparece no grande tubo de vidro do thermometro.

Os tachigraphos são obrigados a notar de 5 em 5 minutos os *graus de temperatura* da sessão, indicados na régua ou escala por elevação ou abaxamento da columna liquida, — fiel interprete dos sentimentos da Assembléa. Desta fórma obtém-se a medida exacta dos effeitos produzidos

siada fortunál Sereis vós amanhã mais feliz do que fostes hontem?

— Não o sei, mas eu fiz o meu dever. Vosso espirito está livre, Theresa... adeos!

Geraldo estava exaustado de forças; a juventude e o amor estavam quasi em explosão; voltou-se, para não deixar perceber como estava desfigurado, e deu um passo para a porta.

— Geraldo! gritou Theresa!

Geraldo parou. Os olhos de Theresa transbordavam de intelligenciá e de amor!

— Meu nome!.. disse elle!.. e n'um salto cahiu aos pés de sua amada!..

— Ah! meus pobres filhos! gritou a Srta. de Lubner, vossés me matam de prazer!.. deixem que eu os abraçei!..

Algun tempo depois, um mancoço que fóra visto sempre pelos *Boulevards*, parou, vendo um de seus amigos á sahida da Opera.

— Então já sabes da novidade?

— Qual? ha tantas!

— O Geraldo, aquelle pobre Geraldo, que era tão jovial, e que perdia sempre ao *lansquenet*...

— Morreu!..

— Quasi!..

— Como assim?

— Casou-se.

— Oh meu Deos! e com quem?

— Com uma Allemã, que encontrou não sei onde, creio que nas margens do Rheno.

— Eis no que dão os viagens!

— E' quasi sempre assim.

— Deos o faça feliz.

— Amen.

FIM.

pelo orador, manifestando-se as sensações ou mudez, calma e sem interrupções.

Nós esperamos, acrescenta o jornal belga, que este engenhoso instrumento—registrator da opinião nacional—pouco despendioso na construção e exacto nas suas funções, não tardará a ser adoptado em todas as Assembleas deliberantes, e servirá muito para animar os bons oradores e afugentar os mossant's.

(Ext.)

M. A.

INSTRUÇÃO RELIGIOSA.

TRES PERGUNTAS:

O que é a Biblia Sagrada?
Quanto vale?
Quem deve lê-la?

(Cont. do n. 1162.)

QUANTO VALE A BIBLIA SAGRADA?

Não ha livro no Brasil, que se venda agora mais barato do que a *Biblia Sagrada*, isto é, em proporção ao seu tamanho. Mas não havemos de avaliar-a pelos mil réis que custa, não; é preciso julgar de seu valor pelos efeitos que produz.

Se um doente estiver moribundo, e o medico lhe recitar um remedio, pelo qual, com a benção de Deos, melhora, torne a ter saúde perfeita, e viva por muitos annos no seio da sua familia: como se hade avaliar o remedio? Pelos mil réis que custou ou pelos resultados?

Supponhamos que o filho de um senhor rico, sabio e bom, tivesse fugido da casa do pai, cahido em mil desgraças, até estar para morrer miseravelmente n'uma terra distante. Supponhamos que, nessas circumstancias, recebesse uma carta escripta pela mão de seu pai, assignada com sua firma e sellada com seu sinete; que nella o pai lhe mandasse um remedio muito caro e infallivel para a cura de todas as suas molestias e dores: lhe ensinasse como havia de usal-o, e o convidasse a voltar para casa, prometendo perdoar-lho tudo, recebê-lo com amor e fazer-o herdeiro de todos os seus bens: quanto valeria aquella carta ao desgraçado filho?

Se Jesus estivesse neste paiz, ensinando como nós peccadores podemos alcançar o perdão de todos os nossos peccados, ficar livres de todas as afflicções, dores, molestias, desgostos, morte, e gozar da amizade de Deos juntamente com um titulo aos bens do céu para sempre; ou se Elle estivesse concedendo tudo isso de graça aos que viessem ter com Elle: não gostaríamos todos de ir vel-o e ouvir-o? E se por causa da grande multidão de pessoas não podessemos chegar perto d'Elle, ou se depois de o termos ouvido nos tivéssemos esquecido do que disse: não gostaríamos de ter uma copia do sermão? E se fosse uma copia fiel, escripta pelos mesmos Apostolos: quanto não haviámos de estimal-a?

Pois as Escripturas Sagradas contém uma copia dos sermões e orações de Jesus, escriptas pelos Apostolos.

Contém as palavras de Nosso Pai nos céos, a respeito do remedio que Elle mesmo preparou para nossas almas, e da manei-

ra porque havemos de empregal-o. Contém um convite do Altissimo Deos aos mais desgraçados peccadores, para voltarem a Elle, com confiança em Jesus e muitas promessas de que, quando assim voltarem, Elle lhes perdoará tudo, os receberá como filhos, com todo o amor, e os encherá de alegria por toda a eternidade. Quanto, pois, vale a Biblia? Quanto vale o sol no céu? E mais facil contar o valor do sol do que o da Biblia!

Se não tivéssemos a luz do sol e pudessemos compral-a, seria barata ainda que custasse muito dinheiro. Pois não vale pouco, ainda que tomal-a de graça. Assim tambem os conselhos de Deos a respeito da saúde e vida eterna das nossas almas, seriam baratos ainda que fossem comprados com todas as riquezas do mundo; e não *va'em pouco*, ainda que sejam vendidos por pouco dinheiro.

(Continúa.)

O que se tem dito do casamento e do celibato.

— A felicidade no casamento.—O casamento e o amor.—O casamento e as donzellas.—O casamento e as mulheres.—O casamento e os homens.—Escolha de uma mulher.—O casamento e o dinheiro.—O divorcio.—A separação.—A indissolubilidade dos laços matrimoniaes.—O repulio.—O homem celibatario.—O celibato das mulheres.—O celibato dos padres.—Mosatec:—O que as mulheres têm dito sobre o casamento.—O que os homens têm dito sobre o snior.

(Continuação do n. 1162.)

Quando se reflecte no contraste, que existe comparados as maneiras do amante com as do esposo, ninguém se admirará de certo, de que não fique sempre alguma cousa a desejar-se a respeito da concordancia dos genio de uns, confrontados com outros. Na dependencia em que estão os amantes, fazem o que podem para captarem-se as attentões mutuamente. Uma vez casada, a mulher, quasi sempre, em vez de se fazer mais amada por suas caricias, não se serve para isso do seu talento, e exige como esposa o que rogava como amante; o homem, tornado marido, tendo segura a sua presa, vai longe de sua mulher protender os favores de outra, e o que nega á sua consorte, como senhor, solicita da amante, como escravo. O facto de familiarisarem-se duas pessoas, basta para que haja entre ellas quebra de amor, de respeito, e d'ahi todas as contrariedades de um consorcio infeliz, que se torna uma verdadeira desgraça quando o ciume vem envenenar ainda os dias asiagos de um ou do outro, vindo por isso a ser uma mortificação para qualquer d'elles (Imitado do Willemer).

O casamento é uma das principaes bases da ordem social; e a principal base do casamento é a submissão da mulher a seu marido.

Os que pregam a igualdade dos dous sexos, pregam a inversão da ordem social e a extincção do casamento, por isso que

este não pode subsistir senão sob a condição de que a mulher seja submettida ao homem (Denis Caron).

As moças solteiras julgam que os homens casados passam o tempo fazendo mimos a suas mulheres; os frades suppõem que os guerreiros troçam sempre a espada desembainhada; entretanto, mais de com batallas se tem dado sem que haja corrido uma só gotta do sangue! (Turenne).

A maior parte das moças casam-se por moda, para terem casa, e porque julgam que, uma vez casadas, são independentes, e tem quem as acompanhe nos passeios, cousa para que todas ellas estão sempre dispostas.

Trad.

FOLHAS SOLTAS

(Eyras e goivos)

O. D. C.

AO MEU PARTICULAR AMIGO O ILLM. SR.

BOAVENTURA PLACIDO LAMEIRA DE ANDRADE.

(Continuação do n. 1165.)

III

Contempla este bosque, este prado, estas flores!
Não vês a natura sorrindo pra nós?
A brisa que passa falando de amores?
É todo se curva ouvindo-te a voz!..

DO AUTOR.

Vem cá, minha Laurentina... deita essa tua fronte gentil no collo do teu trovador. Assim' assim! meu arginho!..

Neste momento sinto-me arrebatado á ethérea mansão! Como brilham' esses olhos travessos!

Nelles eu leio os mysterios mais reconditos de teu coração!..

Vês o sol? Já adormeceu no horizonte! São horas do crepusculo. Toda a natureza parece repousar silenciosa! As brisas beijam-se prazenteiras, as florinhas, atravez d'aquelle outeiro, exhalam suaves perfumes: o poeta afina o alaúde para suspirar seus amores!

Ah! Laurentina; quanta vida respiro! Serás tu o reverberô da Divindade, o que animas este corpo?

Á vista deste panorama que a natureza nos apresenta, uma reminiscencia tristinha deia em minha phantasia. Queres saber qual é? A de minha partida. Lembra-te ainda?

Foi uma bella manhã do mez de Agosto. Fui apertar tua mão, e ella estava fria; encarei teu rosto, es'ava descorado, e acrediti-te mais bella!

Se soubesses como levava o coração! Os macinheiros, ao entourem aquelles canticos; mais avivavam-me a saudade; as ondas encapelladas, que se quebravam de encontro a embarcação; os ventos que beijavam as velas; as pequenas collinas que se apresentavam a meus olhos, falavam-me de ti!

Quanto é cruel uma separação!

Porém cubramos com um véo este quadro que nos entristece!

IV.

Quantas venturas sonhei
E que a dor veio acordar!

Eu quero ver se consigo
Livar a cruz ao Calvário!
Depois, dormir no jazigo
Tendo a morte por súbdito!

DO AUTOR.

Olha, Laurentina, as estrelinhas já principiam a despertar na região luminosa, alcatifando-a brilhantemente; a lua, saindo d'aquellas nuvens e embebendo seus raios na superfície das águas de nossa cascata, dá-lhe um brilho admirável!

Caminhemos para nossa habitação, que tua mãe nos espera.

E, qual pombinha, que ligeira fonde os ares, assim corria na campina esse anjinho baixado do firmamento!...

Quantas illusões rolavam-me agora no cerebro!

Uma scentelha de amor, que outr'ora escaldára meus seios, visitou minha mente, lembrando-me o passado.

Acreditei fallar-lhe! e ella... ella já não existe!

Era uma estrella fulgurante que tristemente te apagou-se ao aspecto de uma noite invernosal.

O vendaval arrancou a flôr que sorria minha vida!

E hoje, symboliso uma dessas palmeiras do deserto, que a lua doirou suas folhas, e depois, occultando-se no horizonte, deixou-a isolada no seio das trevas, ouvindo apenas o monótono piar das striges.

Uma lagrima, que escalda-me a face, um gemido que minha alma não pôde conter o vôo, são as testemunhas irrefragaveis da realidade presente!

E como foi santo o nosso amor na peregrinação da vida!

Rio—Maio—1860.

A. J. de Cantanhêdo Junior.

GABRIELLA

TRADUÇÃO DE BRAULIO CORDEIRO

(Conclusão.)

As notas um pouco malignas de Missa-beth, postas sob suas vistas, fizeram-lhe bem depressa adivinhar qual devia ter sido o encanto principal de tal ou tal belleza enfeitada com os adornos e a arte; os ares evaporados faziam rir a gente senata e a malevola. Depois quiz saber o que prendia os homens reputados espirituosos e instruidos junto de algumas senhoras idosas, cujo traje simples e apropriado á sua idade não chamava a attenção; estas matronas sabiam conversar. Possuam não só a arte amavel de ouvir, mas tambem a encantadora de se interessar no que mais agradava a seus interlocutores. Sua personalidade desaparecia diante das outras; para mostrar a alma bella e o espirito enlaidado. O lisonjeiro, sentado junto dellas

era atraído pela conversação sempre agradável, e tornava-se serio, respeitoso, esquecendo mesmo aquellas bellezas enlaidadas que lhe prenderam somente os olhos sem tocar-lhe a alma.

Aquellas que, embora bellas, arrastavam olhares onde se esculpiam fortemente ideas amozosas, uma voz gozosa a pintura e o moldurado das feições, trocados alguns comprimentos banaes dos bajuladores e tolos de todos os salões, sentadas e, um canto, desolavam-se por não sabermos dizer com acerto duas palavras, mesmo em resposta.

Mas Gabriella avançara em idade, porém suas observações obtinham bons fructos. Tinha visto muitas de suas amigas perder, por effeitos da molestia, belleza, frescura e tantos sacrificios feitos aos triumphos passageiros da vaidade. E de tudo isto o que restava?—decepção e despeito inutil.

A razão devia elevar por fim a alma desta moça, doída de um espirito recto. Gabriella era já citada como a moça mais modesta e encantadora de toda a cidade. Docil á voz dos pais, que Deos lho havia conservado, aprendia com sua mãe a fazer roinar a felicidade no lar domestico e com seu pai a amar as letras, que nutrem o espirito e o coração. Como sua mãe, Gabriella não era linda; mas como sua mãe, agradava a todos, porque uma alma elevada, um espirito esclarecido davam a seus traços irregulares um encanto poderoso.

Depois de ter recusado muitos partidos, Gabriella aceitou enfim a mão de um homem distincto, que se apaixonara por ella pela sedução de um espirito amavel, de uma bella e boa alma.

Na vespera do dia em que, perante Deos e os homens devia prometter que desempenharia os deveres sagrados que o casamento impõe á esposa, Gabriella escapou-se por um instante do salão, onde se achavam reunidos numerosos convidados, e veio ajoelhar-se junto ao leito, que quasi nunca desamparava, de sua mãe, acobronhada de enfermidades. Tomando a mão debil, que lhe estendia está, beijou-a como emoção.

—Querida filha, disse D. Joanna... tu serás feliz! ah! muito feliz! Deos te abençoará, pois que tens feito as delicias de tua familia e deves fazer as de teu esposo... a ti, que és o nosso orgulho, a nossa gloria.

—Assim seja, minha boa mãe! exclamou a moça.

E ajuntou com um tom cheio de ternura:

—So' com effeito valho alguma cousa: não é á Sra. que o devo?

—A quem? repetiu D. Joanna, admirada.

—Minha querida mãe, disse Gabriella abraçando-a ternamente, e sentando-se em seu leito; sim, á Sra. Será preciso confessal-o? Os sabios conselhos que me dava não me persuadiam tanto como a experiencia e as observações que fiz. Debalde me dizia que as mulheres têm grande vontade de se mostrar bellas, e contam sempre com sua mocidade; que se, nesta época da vida, não se cultivam as facultades da alma e do espirito, não se colhem mais tarde senão amarguras e decepções! Eu esentava-me sem ouvir, eu ouvia, mas não acreditava, e o pesar que sentia de ser feio, perturbava minha razão. Foi

então, cara mãe, que sua ternura inspirou-lhe idéas de me mostrar a descoberto seu coração tão torturado... Obrigada, obrigada, pela sua confiança sem limites! Contudo, a convicção não entrou rapidamente em minha alma; a mim mesma dizia, que a Sra. tinha tido uma vida toda excepcional... que se Deos lhe tivesse conservado seus pais, ser bella teria sido a sua felicidade e não uma desgraça!

Finalmente, eu comprehendo hoje, que ser bella é sempre uma prova difficil e agradeço a Deos ter della me poupado. (1).

FIM.

- Não te esqueci.

Olhos negros, negras tranças
N'um rosto claro-moreno;
Uns labios que pedem beijos
De amor, n'um riso sereno;
Fizeram-me amar a vida
Como Hero a Leandro outr'ora;
Busquei-te, como te busco
Nesta instante, nesta hora!

Sonho não foi, que minha alma
Sentio da tua o calor;
Criança ainda nos annos,
Tinha crescido em amor...
Então meu peito calou-se,
Mais um gemido não deu;
Á noite pedia um nome,
E esse nome — era o teu!

Era o deixar de uma insomnia
Passada em lenta agonia,
Em que apoz tormentos tantos
Se repousa n'outro dia...
Era... mas quem sabe o quanto
Duraria a transição;
Talvez que cedo a descrença
Matasse o meu coração!

Qu'importa?... escuta: — não ouves
Como ruge a tempestade?
Contigo cessa a tormenta;
As trevas são claridade!
Perder-te fóra perder-me
Na procella entre os horrores;
Morrer, quando tudo é vida,
Viver, quando a vida é dôres!

Não; deixar-te já não posso;
Heide seguir-te constante:
Quando não se vive amado,
Que tom que se morra amante!
Depois.. que venha a desgraça
Matar-me a doce ventura,
Mostrar-me funereos cantos
E alem... a sepultura!

Venha tudo... mas ao menos
Me encontrarão sempre forte,
Que esta seiva que me anima
Não desanima com a morte:
—Planta nascida nas rochas,
Do vendaval aguçada,
Despida todas as folhas,
Conserva a haste quebrada.

(1) Poderiam todas as moças pensar do mesmo modo, que não teriamos tates mais estupidas e vaidosas, que, como quando jovens se trataram de curar-se o parecer bem a seus galanteadores curaram da educação de suas filhas no seio

Um riso, uma phrase tua,
E eu morrera contento;
Molhára os labios que a febra
Crestára n'um fogo ardente;
Colhera o hotão que as flores
Em teu seio rebentasse,
Se a luz que meus olhos viam
De todo me não cegasse!

Amei-te... o do amor não sei
A verdadeira expressão!
E' que o tormento emmudece
As fallas do coração!..
Nas agonias da morte
Inda me lembro de ti;
O tempo esqueceu-me tudo,
Mas inda—não te esqueci!...

Rio, Novembro—1859.

Am.

Sê feliz.

Se inda restasse dentro de meu peito
O desejo de amar p'ra ser ditoso,
Eu te sagrara a minha vida inteira,
E seria o mortal mais venturoso.

Porém pelo horizonte do futuro
Uma esperança não verci luzir;
Na aurora juvenil—ave nocturna
E' do tumulto a noite o meu porvir.

Aspiro ser feliz,—seguir a gloria,
Amar e ser amado,—quantas vezes;
Mas a ambrosia de um amor passado
Encheu-me o peito de continuas fezes.

Olho o passado como o palinuro
Que o porto vio em Céu ser transformado;
Olho o futuro como o caminhairo
Afflicto de se haver no trilho errado.

Ventura! nem mais ecoo no meu peito
Esta expressão conserva hospitaleira;
Si me fosse possível alcançal-a,
Fosse embora na bora derradeira,

O vestalico fogo de teus olhos
Não me pode aquecer o coração;
Salamandra viveu, da morte o frio
O gelou, como as lavas de um volcão.

Agora palpitando lentamente
A vida me prolonga estagnada;
Antes gastando a corda da existenci
Soasse breve a última pancada.

Não tenho beijos p'ra gozar teus risos,
Não tenho risos p'ra pagar teus boijos;
Tonho n'alma um empyreo de esperanças
Ardendo n'um inferno de desejos.

Apagando da vida a luz já frouxa,
Da morte a sombra de meus olhos vae,
Arrimada ao eypreste dos finados
Descançarei nos braços de meu Pae.

José de Moraes Silva.

deira religião, arrancando-as assim do abysmo o que

a belleza es conduz.
Não veriamos bellezas fascinadoras semelhantes a
estatuas, pois que offuscada por instantes aquella,
resta a mais crassa estupidéz e a sensibaria, quando
o asco que lhe vota o homem mesmo que um
fora levado por seus encantos.

o selho é bom.—tomai-o.

DO TRADUCTOR.

Adagios**Proverbios, Bifões e Annexins
da Lingua Portugueza.**

—Deus consente; mas não sempre.
—A quem dóo o dente, dóo a sentença.
—A quem hesdo dar que cear, não te
dóo dar que merendár.
—Nem a todos dar, nem a todos negar.
—Quem sabe dar, sabe receber.

PATARATAS.(Continuado do n. antecedente. Começou
no n. 1041.)

IV.

Musa séria, que me has dado
Mais gloria do que dinheiro,
Dá-me hoje estro sublimado;
Para assumpto gathoseiro,
Guarda o acre apimentado.

Que o assumpto é sério e vasto,
Pois cantar quero os fidalgos
De Cabeceira de Basto,
Que têm cadeias e galgos
E trazem pótros no pasto.

Por lá, disse o bom Miranda,
Que parades vira correr.
Inda a roda não desanda;
Peor agora, a meu ver,
A fidalguia trezanda.

O' bisnetos veneraveis
Dos heroes de Ceuta e Fez!
O' progenies respeitaveis
D'aquella gente que fez
Heroismos memoraveis!

Palavra d'honra, decl'ro
Que não respeito o que sois,
Nem serel menos avaro
De respeito aos heroes
D'onde o nome haveis precl'ro.

Vossos avós que fizeram?
Que é dos padrões dessa gloria
Que mercenarios lhe deram
Na venal, mentida historia,
Que nãos servis escreveram?

Se dizeis que alguns piratas,
Defraudando extranha gente,
Vos legaram honras gratas,
Pereí lugar excellento
No livro das PATARATAS.

Quando o indio inerte e pobre
No seu torrão vegetava,
Ou com seu trabalho nobre
Alguns bens accumulava
Sob o cobuado que o cobre;

Quando ditoso vivia
Amando os filhos e a esposa,
E adorava o Deos que via
Com mão terna e dadivosa
Dar-lhe o pão de cada dia;

Vossos illustres avós
Por esse tempo o que eram?
Que serviço, dizei vós,
Que industria nobre tiveram
Que transmittam honra a nós?

Homens de força brutal,
Inhumanos saltadores,
Desses que a historia immoral
Nomeia « Conquistadores »
E glorias de Portugal;

Homens forçados á guerra,
Heroes á força, sem arte
Para achar na propria terra
O que natura reparte
Por todo o ente que encerra:

Taes eram esses que a fama
Sanguinaria celebrava,
E hoje o orgulho proclama
Sobre um padrão que desaba
Amassado em sangue e lama.

E, sacrilegos, diziam
Que derramavam a luz
Entre povos, que não viam
O rstantar da cruz
Que elles de sangue tingiam!

E era seguro o tropheu
Nesta « santa e pia guerra »
Que os selvagens convertere;
Tiravam-lhe os bens da terra.
Mas davam-lhe os dons do céo.

F. depois, ricos das presas,
Que para a patria traziam,
Alegavam gentilezas,
E mercês pingues pediam
Em premio d'altas proezas!

Taes façanhas praticavam
(Sabei-o, pedantes brancos!)
Esses que a patria mancharam;
Vossos celebrados troncos
Destá ruim seiva medraram.

Cozai os bens da victoria
De torpe pirataria;
Mas não vos sirvam de gloria
Façanhas de barbaria
Falsificadas na historia.

Esse orgulho é parvo e vão;
Essa empalpa enoja e insulta;
Esse arrogante brazão
Diz, que muita infamia insulta
Teve honroso galardão!

C. Castello Branco.

BOLETIM**MEDICO-LITTERARIO**

Estão publicados 4 numeroes deste perio-
dico semanal, de que é redactor-em-chefe
o Sr. Climaco Annanias Barbosa de Ol-
veira, estudante da Bahia, ora matricula-
do na Escola do Medicina desta corte. ...

São collaboradores principaes os Srs.

Dr. Luiz da Cunha Feijó.

Dr. Francisco Bonifacio do Abreu.

Dr. Antonio Ferreira Pinto.

Dr. Antonio da Costa.

Cons. Antonio Felis Martins.

Cons. João José de Carvalho.

Assigna-se, a 25. rs. por mez, na loja desta
officina, praça da constituição n. 64.**Medico.**

O Dr. Moreira de Azevedo re-
side na rua da Prainha (antiga do Al-
jube) n. 223, onde dá consultas das
8 ás 10 horas da manhã e recebe cha-
mados a qualquer hora.

Presta-se aos pobres — gratui-
tamente.

Typographia de Paula Brito.

64—Praça da Constituição—65

INDICE

DAS 9 MARMOTAS DO MEZ DE MAIO DE 1860.

N. 1156.

Cartas á minha Prima—Thereza, romance—A Louca do Outeiro (romance poetico)—Amor, para sempre (romance poetico)—Gabriella (romance francez, em continuação)—Sacrificio supremo—Noticia do beneficio do actor Germano, no Gynnasio.

N. 1157.

Gabriella Augusta da Cunha (esboceto biographico)—Thereza—Breve reflexão sobre as Aguias Romanas—(artigo offerecido aos alumnos do Collegio de Pedro II)—A Louca do Outeiro—Gabriella—Virgem-zinha.

N. 1158.

Carniceria a vapor nos Estados Unidos (artigo traduzido)—Thereza—Um ideal com duas pennadas—A Louca do Outeiro—Gabriella—Não creio—A ella—Faustino Xavier de No-vaes (annuncio de sua loja á rua Direita n. 86)—O Entreacto—O Boletim Medico.

N. 1159.

Questão Historico-Litteraria sobre Vasco da Gama e Pedro Alves Cabral—Theresa—Parabola sobre o amor—Gabriella—Teu riso—A uma menina—Não te posso amar—O que é estar em dia com as sciencias! (anecdota)—Pensamentos e aneedotas.

N. 1160.

Advertencia—Macedo Junior (artigo do Rio Grande do Sul)—Thereza—A morte de Luiz Mathias do Couto—Um ideal com duas pennadas—Instrucção Religiosa (O que é a Biblia?)—O que se tem dito e escripto pró e contra o casamento e o celibato—Gabriella—Desapontamentos—A F... Miscellanea.

N. 1161.

A sentida morte de um Pai—Thereza—Um Pai prodigo, (drama de A. Dumas filho)—O que se tem dito e escripto sobre o casamento e o celibato—Gabriella—Instrucção Religiosa (Quanto vale a Biblia?)—Depois de desenganado, quem teima em amar, é tolo (colchêa)—Charadas originaes—A civilisação (annuncio).

N. 1162.

Mais vale tarde, que nunca!—Thereza—Instrucção Religiosa (Quanto vale a Biblia?)—Gabriella—Pataratas, por Camillo Castello Branco—O que se tem dito e escripto sobre o casamento e o celibato—Os Laponios—O suaveiro—Pensamentos e aneedotas—Miscellanea.

N. 1163.

Ao infausto anniversario da explosão da Barca Especuladora (25 de Maio de 1844)—Thereza—Consequencias do charuto (as crianças fumantes)—Folhas soltas (lyrios e goivos)—Gabriella—Amo-te—Verdades puras—Pataratas, por Ca) lo Castello Branco.

1164.

O thermometro parlamentar—Thereza (conclusão)—Instrucção Religiosa (Quanto vale a Biblia?)—O que se tem dito e escripto sobre o casamento e o celibato—Folhas soltas (lyrios e goivos)—Gabriella (conclusão)—Não te esqueci—Sê feliz—Adagios, proverbios e annexins da lingua portugueza—Pataratas, por Camillo Castello Branco—O Boletim Medico.

Alem desses artigos essenciaes, ha muitos annuncios e outras publicações de pouca monta.

ANNUNCIOS.

REVISTA HOMŒOPATHICA

PUBLICAÇÃO DA

CONGREGAÇÃO MEDICA
HOMŒOPATHICA

REDIGIDA PELO DR. J. J. REBELLO.

Publica-se mensalmente e assigna-se a 500 rs. por anno, nos consultorios, rua de S. José n. 59, Quitanda ns. 19 e 61, e rua d'Ajuda n. 61.

O 7.º NÚMERO DE ABRIL CONTEM:

A—Revista Homœopathica—A simplicidade da Homœopathia e as formulas homœopathicas—Relatorio do movimento

estado e vantagem da enfermaria Homœopathica, apresentado pelo Dr. Jacintho Soares Rebello—Preparação dos medicamentos—Folhetim:—Conferencias sobre a Homœopathia, pelo Dr. Miguel Granier.

AO

LIVRO D'OURO

72 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 72

Leopoldo de Azeredo Coutinho—vende papel, objectos de escripta e de fantasia, livros, charutos, chá, e um sem numero de cousas interessantes—Boas, bonitas e baratas.

Fornece, com vantagem, tanto as Repartições publicas como os Estabelecimentos particulares.

ANNUNCIOS.

ARCHIVO MUNICIPAL

FOLHA OFFICIAL DA

ILLMA. CAMARA MUNICIPAL DA CORTE

Publica-se ás — quintas-feiras — em formato de 3 columnas, contendo sempre:

Actas da Illma. Camara Expediente da Secretaria e da Contadoria. Officios do Governo á Camara e da Camara ao Governo. Pareceres dos Vereadores em suas respectivas Freguezias. Annuncios dos Fiscaes sobre infracções de Posturas e obras a fazer-se. Annuncios da Directoria das Obras Municipaes sobre calçamentos, construcções, concertos e reparos. Alem disto ha no *Archivo Municipal*:

A Lei do 1.º de Outubro de 1828, creando as Camaras Municipaes.

A Constituição politica do Imperio e o acto addicional. Extractos de publicações importantes da Camara Municipal de Lisboa sobre carnes verdes, limpeza publica, matança de cães, etc.

Representação que ao Senhor D. Pedro I, no dia de sua Acclamação, dirigio, em nome do povo, como Presidente do Senado da Camara, o Sr. José Clemente Pereira.

Memoria do descobrimento e fundação da cidade do Rio de Janeiro, por Antonio Duarte Nunes.

Qual é a causa do *enfumaçamento* da atmosphera do Rio de Janeiro, em certa época do anno?

Catalogo dos governadores, capitães môres, generaes e vice-Reis que governaram o Rio de Janeiro.

Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc.

Oração gratulatoria recitada pelo Padre Mestre Frei Antonio do Coração de Maria no Te-Deum, em acção de Graças pelo feliz regresso de SS. MM. II. uma visita feita algumas provincias do Norte.

Relação dos Juizes de Fora, Vereadores e Procuradores, que serviram no antigo Senado da Camara, desde 1791 até 1829.

Relação dos cidadãos eleitos para Vereadores da Illma. Camara Municipal, e dos Supplentes, desde 1830 até hoje.

A grandeza do Brasil, sua Geographia historica, e physica. Factos historicos, etc., etc.

Assigna-se sempre a 60000 rs. por anno, na typographia de Paula Brito, editor-proprietario, praça da constituição n. 64.

O 1.º anno (Maio a Dezembro de 1859) brochado em um vel., custa 50000.

COUTINHO & COMP.

EMPRESTÃO DINHEIRO

70—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—70

Dadas as garantias precisas, os annunciantes são nimiamente zelosos no cumprimento de seus deveres e, tomando as medidas necessarias, fazem todas as suas transacções com segredo e cautela, havendo em tudo a melhor boa fé.

SORTE GRANDE

Esta muito linda, muito moral e muito interessante novella Alemã da Sra. — Fany Lewald — publicada em francez na *Illustração de Paris*, e aqui em portuguez (tradução do Sr. Dr. J. J. da Rocha), acha-se completa nos 26 numeros da — *MARMOTA* — que formam as 3 brochuras de — Janeiro, Fevereiro e Março, — onde ha tambem romances completos, poesias, anedotas, factos historicos, charadas, logogryphos, anechins, *desapontamentos*, etc., etc. Preço de cada brochura, 10000.

Ter uma colleção de — *Marmota*, — de qualquer anno (especialmente do 1.º de Outubro de 1859 até o presente) é ter uma *bibliotheca interessante* de obras completas de — recreio e instrução. —

64—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—64.

OS

LIBERTINOS E TARTUFOS

DO RIO DE JANEIRO

ou

chronica escandalosa de muitos dos nossos

POR LEO JUNIUS

autor dos escriptos publicados no *Jornal do Commercio* de 1858, sob o titulo de — *MULHERES PERDIDAS*.

Um interessante volume de 144 paginas, preço 10000, nas livrarias da corte e na loja desta officina, praça da constituição n. 64.

PRIMAVERAS

DE

CASIMIRO DE ABREU

Um rico volume, de mais de 260 paginas, nitida edição em papel de hollandia.

A obra divide-se do seguinte modo:

Prologo—Poesias a A...—Canção do exilio—Minha terra—Saudades—Segunda canção do exilio—Minha mãe—Rosa murcha—Jurity—Meus oito annos—No album de J. C. M.—No lar—Morininha—Na rede—A voz do Rio—Sete de Setembro—Poesia e amor—Orações—Balsamo—Deus—Primaveras—Scena intima—Juramento—Perfumes e amor—Segredos—Clara—A walsa—Borboleta—Quando tu choras—Canto de amor—Violeta—O que?—Sonhos de Virgem—Assim!—Quando?—Sempre sonhos!—O que é sympathia—Palavras no mar—Pepita—Visão—Queixume—Amor e medo—Perdão—Mocidade!—Noivado—De joelhos—Tres cantos—Illusão—Sonhando—Lembrança—O baile—Minha alma é triste—Palavras a alguém—Folha negra—A morte de Messéder—Berço e tumulo—Infancia—A uma platea—No tumulo de um menino—A J. J. Macedo Junior—Uma historia—No leito—Pois não é?—Na estrada—No jordim—Risos—Horas tristes—Dores—3...—Fragmento—Anjo!—Ultima folha.

Preço 40000, na loja de Paula Brito.